

Introdução

A DIVISÃO DE TRABALHO ENTRE EXPEDICIONÁRIOS EM TERRAS desconhecidas e pensadores de gabinete analisando os registros dos primeiros é uma constante da história da antropologia na primeira metade do século xx. O interesse que motivou a pesquisa aqui abordada se relaciona a esse tema e foi despertado pela curiosidade sobre as razões que levaram trabalhos etnográficos de viajantes a permanecer longo tempo no esquecimento. Cabe entender, inversamente, por que escritos de viagem do teuto-brasileiro Curt Nimuendajú e do bretão Constant Tastevin foram traduzidos nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial.

As evidências indicam que interesses estratégicos envolvendo o conhecimento sobre os povos indígenas da região amazônica reeditavam práticas colonialistas que remontam às grandes viagens exploratórias no local e ao surgimento do chamado Novo Mundo. Esses viajantes do século xx acumularam informações antropológicas e permaneceram por longo tempo nessa região, como o alemão Theodor Koch-Grünberg e o italiano Ermanno Stradelli, os quais, além de terem feito grandes viagens de exploração nos rios amazônicos, lá morreram. Coetaneamente aos estudos de caso realizados por viajantes eruditos como esses, que traduziram informações registradas na interação com povos considerados ágrafos, o campo antropológico emergiu, levando à consolidação de centros de pesquisa, de produção teórica e de ensino da disciplina.

Este livro se ocupa de aspectos da história da antropologia na América na primeira metade do século xx, no tocante a implicações do sistema de financiamento à pesquisa, com ênfase nos antecedentes da Segunda Guerra Mundial e seus desdobramentos para essa área do conhecimento. Assim, após fazer um panorama histórico relacionado aos dilemas da tra-

dução cultural na disciplina, a análise focaliza a trajetória americana dos textos de Nimuendajú e examina os contatos que ele estabeleceu durante a produção da etnografia Tikuna¹ a partir dos anos 1940, procurando correlacioná-la com a história da antropologia social no Brasil.

O exame dessa trajetória conduz a informações sobre uma rede de relações entre instituições do Brasil e do exterior. Como pesquisador nascido na Alemanha, Nimuendajú precisava de autorização do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFE) para incursionar em áreas indígenas. Por isso, correlaciona-se a trajetória de Nimuendajú com outros expedicionários, cujas solicitações passaram pelo CFE ou tinham relação com o campo antropológico ou indigenista. Para autorizações como as de Nimuendajú ou de Claude Lévi-Strauss, nas quais estavam em jogo o licenciamento da apropriação de coleções e a colaboração entre pesquisadores estrangeiros e brasileiros, o controle era severo. Com relação a filmagens, todavia, esse controle era mais frouxo, envolvendo uma preocupação de Estado com a imagem do país.

Nessa trilha, busca-se resolver o quebra-cabeça das conjecturas acerca da situação que gerou o financiamento para a produção da monografia de Nimuendajú sobre os Tikuna pela University of California, Berkeley (Nimuendajú, 1952). Segui o rastro documental para esclarecer essas indagações em diferentes fundos arquivísticos nos Estados Unidos, procurando sanar lacunas dos arquivos consultados no Brasil. Essa monografia foi publicada em 1952, após a morte do etnógrafo na localidade Tikuna de Santa Rita do Weil, no Amazonas, em dezembro de 1945.

O conjunto de documentos que se referem a Nimuendajú em diferentes arquivos consiste em uma reunião de enunciados – referentes a acontecimentos e suas condições e domínios de aparecimento – e coisas que, no que tange aos propósitos deste trabalho, comportam o campo de produção dos artefatos rituais e as tensões referentes à sua musealização.

1 Empregam-se em referência a um mesmo povo os termos Tikuna, seguindo a convenção da Associação Brasileira de Antropologia, hoje seguida também pelos estudantes e professores que são membros desse povo, Tukuna, como grafado por Nimuendajú (1952), e Tükúna, como registrado por Cardoso de Oliveira (2002). Utilizo a denominação Tikuna, segundo norma determinada em 1953 e publicada no volume 2, número 2 da *Revista de Antropologia* (1954: 150–2), ainda que, hoje, em processos de revigoração étnico, muitos preferam ser chamados pela autoatribuição Magüta, que em português quer dizer *povo pescado com canço*.

Muitos desses documentos são cartas² que ele escreveu a interlocutores antropólogos, indigenistas e dirigentes das instituições com que interagiu. As lacunas documentais, no entanto, conduzem à necessidade de correlacionar as informações de diferentes arquivos com outras fontes orais e escritas, no sentido de problematizar a formação da coleção etnográfica.

Trata-se, assim, de considerar propriamente as fontes documentais referentes a Nimuendajú não como um lugar espacialmente circunscrito, e sim como um “campo” constituído historicamente que atravessa diferentes locais ou circuitos temporais e espaciais (Des Chene, 1997: 71). Os lugares documentais estão interconectados com as coleções etnológicas de reservas técnicas, como as do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, e do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, além do Museu Magüta, na cidade de Benjamin Constant, no Amazonas, formado com a participação dos próprios indígenas, a partir de 1988, e por eles administrado (Pacheco de Oliveira, 2002). Muitas vezes, incluem-se nesse conjunto informações fornecidas por pessoas que trabalharam ou trabalham nessas instituições e as receberam por via indireta. Esse é o caso do museólogo Rubem Moura, falecido em 2016, que lidou diretamente com os artefatos Tikuna do Museu Goeldi coletados por Nimuendajú, mas não o conheceu pessoalmente. Detinha grande saber sobre ele, acumulado pelo contato com pessoas que mantiveram algum tipo de relação com o etnógrafo alemão, como Expedito Arnaud e Eduardo Galvão, e com estudiosos que examinaram os artefatos e possuíam informações sobre a tradição germânica da qual se tornou expoente. Consideram-se igualmente, em uma esfera mais ampla de interações, indígenas que interagiram com ele na situação etnográfica específica do povo Tikuna.

A consulta a diferentes fundos documentais mostra que Nimuendajú correspondeu-se, entre outras pessoas, com Franz Boas, Robert Lowie, Alfred Métraux, Heloisa Alberto Torres, Carlos Estevão, Herbert Baldus e Harald Schultz. Assunto a ser mais explorado, sua interação com o CFE foi objeto de estudo de Luís Donisete Grupioni (1998) e de Luiz de Castro Faria (2000). No arquivo do CFE, encontra-se reunida copiosa documentação sobre as expedições etnográficas de Nimuendajú no Brasil entre 1935 e 1945, patrocinadas pela University of California, bem como pelo Museu

2 Uma mostra esclarecedora das missivas a um de seus interlocutores, Carlos Estevão, foi publicada em edição portuguesa (Nimuendajú, 2000). Nelas, o viajante teuto-brasileiro traça um panorama das mudanças que os índios presenciavam na primeira metade do século XX, esclarecendo, com fatos da história, como a cultura estava impregnada por elas (Amoroso, 2001).

Nacional e o Museu Goeldi.³ Os documentos do Arquivo Nimuendajú do Museu Nacional infelizmente viraram cinzas no incêndio que destruiu, nos dias 3 e 4 de setembro de 2018, aspectos significativos do patrimônio cultural e científico que ali se encontrava. Todo o conhecimento já registrado sobre esse material é inesgotável fonte de reflexão para pesquisas futuras (Welper, 2002, 2013, 2020).

Ao longo deste trabalho, analiso documentos que reuni em arquivos no Brasil e nos Estados Unidos, sobretudo no que se refere às correspondências e aos relatórios depositados no arquivo de Robert Lowie na Bancroft Library, da University of California, Berkeley, e à documentação encontrada sobre a produção do *Handbook of South American Indians (HSAI)* e a criação do Institute of Social Anthropology nos National Anthropological Archives da Smithsonian Institution (de 1936 a 1952). Considero também documentos encontrados no arquivo do Center for Latin-American Studies da University of Florida, Gainesville, nos arquivos da University of Texas, Austin, e no Fundo Nimuendajú dos arquivos da Rockefeller Foundation, em Nova York, bem como a correspondência de Franz Boas com Nimuendajú e Heloisa Alberto Torres, que consultei nos microfílmes do Arquivo de Boas, depositado no Getty Museum de Los Angeles. Ademais, tive acesso a arquivos privados nos Estados Unidos, como o material consignado por Lowie a John Rowe sob a guarda de Patricia Lyon. Tais documentos permitiram analisar a contribuição de Nimuendajú para a história da antropologia e contextualizar historicamente suas práticas como coletor e investigador.

Nimuendajú estabeleceu contatos com os antropólogos americanos em uma conjuntura conturbada, que se desenrolou da Grande Depressão, no final dos anos 1920, até desembocar na Segunda Guerra Mundial. As circunstâncias então em jogo os levaram a se interessarem por indígenas americanos fora de seu território e a ensejar ações integradas com estudiosos residentes na América Latina. Foi nesse espectro que se criou o Institute of Social Science da University of California, Berkeley, parcialmente financiado pela Rockefeller Foundation. Tal pano de fundo resultou em relações desses antropólogos americanos com a antropologia produzida na América Latina e gerou iniciativas institucionais que afetaram

3 Cf. por exemplo, “CFE.T.2.027 – Documentos sobre as expedições etnográficas de Curt Nimuendajú (Brasil) entre 1935 e 1945, patrocinadas pela ‘Universidade da Califórnia’ e pelo ‘Museu Nacional’, incluindo relatórios e mapas”, Rio de Janeiro, Salvador, Belém, 9 de fevereiro de 1935 a 29 de agosto de 1946, 184 p.

países como o Brasil e o México, com destaque para os papéis de Julian Steward e de George Foster, entre outros.

A argumentação desenvolvida procura elucidar alguns problemas apontados por estudos produzidos no Brasil sobre Nimuendajú, focalizando aspectos ainda insuficientemente conhecidos do processo em que ele se transformou de coletor especializado de artefatos indígenas para museus europeus em autor reconhecido no campo antropológico, a partir da publicação de monografias nos Estados Unidos com o apoio de Lowie. Nimuendajú enviava seus manuscritos em português porque não escrevia em inglês; se os enviasse em alemão, seriam apreendidos pela censura, controlada pelos norte-americanos, que interceptavam a correspondência escrita na língua alemã como estratégia para combater a ameaça nazista. Por isso, torna-se relevante tratar da rede de relações entre instituições internacionais e pesquisadores envolvidos na produção de conhecimento sobre o que denomino de *objetos fronteiriços*, visto que os indígenas que Nimuendajú conheceu estavam longe do estado romantizado de isolamento suposto pela etnologia americanista.

Focalizo especificamente o modo como, já no contexto da emergência da Segunda Guerra Mundial, a criação do Institute of Social Anthropology da Smithsonian Institution e a produção do *Handbook of South American Indians* foram viabilizados por recursos obtidos por Steward junto ao Departamento de Estado norte-americano. Como antropólogo na Smithsonian Institution, Steward se propunha a reunir conhecimentos obtidos com base em observação direta na Amazônia, e a interação com Nimuendajú e outros antropólogos que trabalhavam lá possibilitou uma imagem realista dos indígenas e da região que os mentores políticos almejavam controlar. Tais contatos foram, pois, relevantes para concretizar os canais colaborativos da política de boa vizinhança, os quais posteriormente favoreceriam projetos de desenvolvimento.

A reflexão, portanto, se debruça sobre indagações advindas da leitura de documentos depositados em arquivos do Brasil e dos Estados Unidos, em pesquisa comprometida com práticas antropológicas constituídas em diálogo com representantes do povo Tikuna e com autores que o estudaram. Trata-se de documentos que contribuem para o entendimento da relação do etnógrafo com esse povo indígena, do ponto de vista da elaboração antropológica (Faulhaber, 2005a).

A parte final do livro, por sua vez, aborda as interações entre pessoas que atuavam em diferentes instâncias do processo de produção cultural. Enfoco, a princípio, a relação entre o editor do *Handbook* e Nimuendajú,

a qual também afetou Métraux. Em seguida, analiso a interação entre Nimuendajú e os artesãos indígenas. Considero aspectos da coleção formada por ele para o Museu Goeldi e depois destinada também ao Museu Nacional. Sabe-se que o incêndio de 2 de setembro de 2018 destruiu parte significativa do acervo etnográfico do Museu Nacional e, nele, dos objetos das coleções Tikuna, o que leva a perguntar sobre o que fazer para conservar, tanto em termos materiais quanto de seu conteúdo, coleções significativas em risco de deterioração ou perda.

No último capítulo, retomo a relação entre campo e arquivo, para entender de maneira mais criteriosa como Nimuendajú se relacionava com os artesãos. Finalmente, considero interpretações dos Tikuna nos dias de hoje para examinar a iconografia de máscaras e indumentárias rituais da coleção Tikuna, formada por Nimuendajú para o Museu Goeldi, juntamente com a coleção da mesma safra do Museu Nacional e com objetos hoje depositados pelos eles mesmos no Museu Magüta. Já não existe importante parte das coleções reunidas na derradeira viagem de Nimuendajú aos Tikuna, que resultou em sua morte entre eles, ainda não suficientemente esclarecida, mas os registros da monografia de quem os coletou podem ser cotejados com as interpretações dos indígenas que conhecem os materiais com que os artesãos Tikuna os produziram para uso ritual e que, depois, foram musealizados e preservados. Essas análises e interpretações devem contribuir para que eles não apenas elaborem e confirmem sentidos a novas coleções, como também as conservem em seus significados e conteúdos culturais.

Enfim, ao elaborar este livro, revisei e reescrevi tópicos de artigos meus listados nas referências bibliográficas. Remanejei as ideias à luz do fio condutor que concebi para organizar o material e montar sua exposição em termos da narrativa e da análise dos materiais de pesquisa, incluindo fontes e indagações inéditas. Procurei ainda eliminar eventuais repetições que poderiam prejudicar a leitura. O livro consiste, pois, em uma reflexão original que procura ir além da mera justaposição de textos já publicados, com o objetivo de reunir proposições que ainda não haviam sido plenamente destrinchadas e, ao mesmo tempo, ampliar o alcance público de trabalhos fragmentários, de modo a ordenar a leitura para que os interessados possam montar a sua própria interpretação dessa história.